

A gramatiquinha da fala brasileira: uma poética de Mário de Andrade

Por Aline Novais de Almeida

A GRAMATIQUINHA DA FALA BRASILEIRA, obra inacabada e inédita, pertencente à série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, é um dossiê que surpreende, levando o pesquisador a acreditar na armadilha de um projeto escritural, que sistematiza normas e regras gramaticais da fala brasileira.

Ainda que o título do manuscrito faça referência à gramática – podendo, então, ser também compreendido como procedimento paródico, frequente na criação mariodeandradiana –, o uso do diminutivo amplia e desloca o sentido primeiro do gênero, ao sinalizar, no hipocorístico, a relação afetiva e íntima do autor com a linguagem, o que opera uma inversão de sinais: o menos passa a ser mais.

Uma extensa e importante pesquisa da linguagem compõem os documentos do processo d'*A gramatiquinha*. Como o interesse de Mário de Andrade era formalizar uma poética, ele estudou e apreendeu não as normas ou as regras, mas as constâncias do português falado no Brasil, para desenvolver a noção de psicologia da fala/língua brasileira. A documentação que coligiu performatiza bem a amplitude da obra. Os materiais coletados estão na literatura, nas cartas, nos escritos de filólogos e gramáticos nacionais e estrangeiros, em textos dos cronistas via-

Gramatinha

Não falar nem uma
vez em regras, nem tão
pouco em normas si
possível. Falar só em
"constâncias"

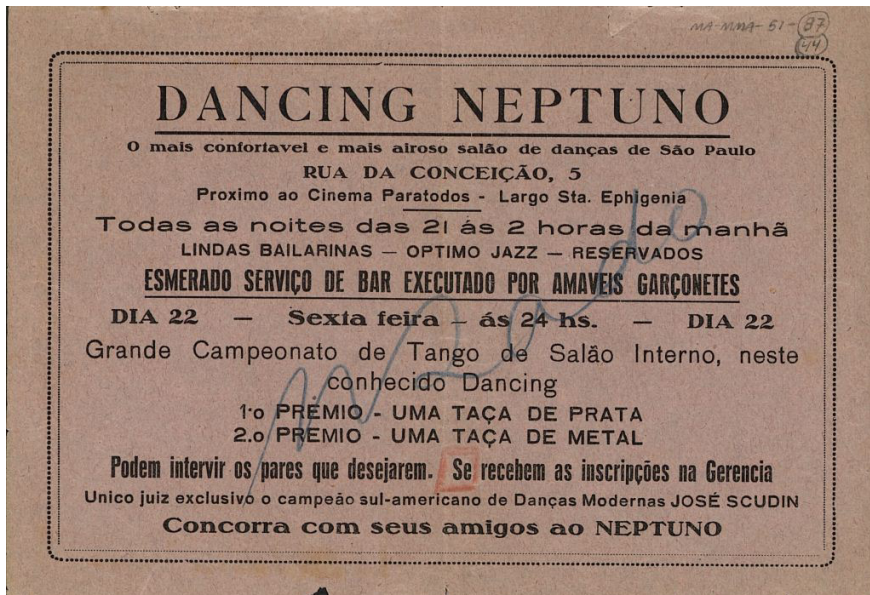
Ver Euclides da Cunha
sobre língua Brasil-
leira no Prefácio
ao "Inferno Verde"
do Godofredo Rangel

jantes, em tratados sobre o folclore (brasileiro, ameríndio e africano), nas canções populares e nas pesquisas de campo realizadas por Mário em suas viagens pelo Brasil.

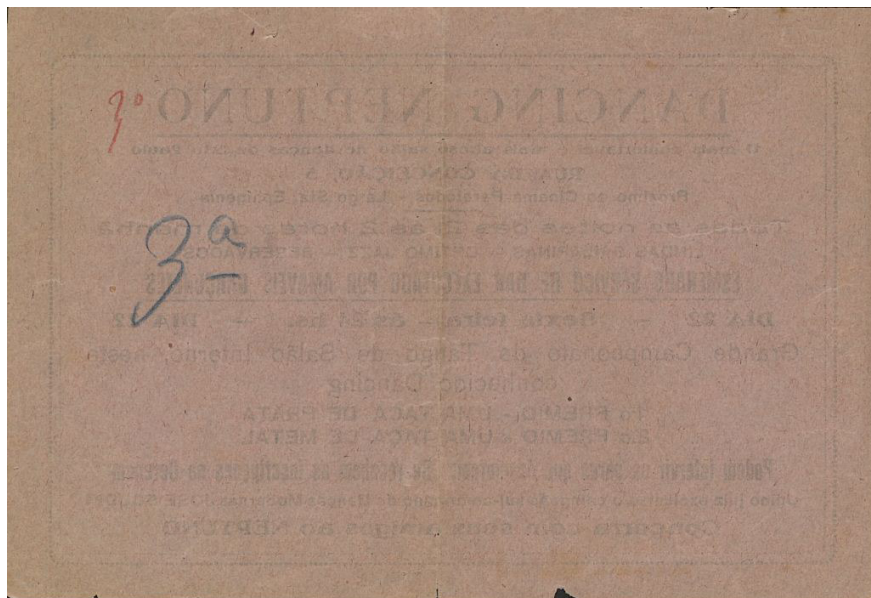
O dossiê do manuscrito possui aproximadamente 270 documentos, totalizando 348 fólios. Constitui-se de planos, notas de trabalho, prefácio e versão de texto nas páginas de uma caderneta, bem como notas de trabalho fora dela, outras versões de textos, cartas, bilhetes, artigos recortados de periódicos, fichas bibliográficas, documentos variados que englobam até um volante de propaganda do estabelecimento paulistano, o *Dancing Neptune*.

Em toda a escritura mariodeandradina, seja ela ficcional ou não, está pulverizado o estudo da fala brasileira. Como um dos alvos da agenda modernista era a experimentação estética aliada à estilização da fala brasileira, o autor de *Macunaíma* insere em seus textos as estruturas fixas e específicas do português brasileiro, privilegiando aquelas marcadas pelo valor lírico.

O início de suas cogitações teóricas e a prática de estilização da fala, segundo Mário de Andrade em uma nota de trabalho, no manuscrito, deu-se durante a redação de *Paulicéia desvairada*, de 1922, livro marco em nosso modernismo: “[...] a/ primeira pretensão minha já/ vem no Prefacio de Pauli-/ cea teoricamente e pratica-/ mente nos versos dela”. Contudo, já é possível perceber, ainda que de modo incipiente, em 1917, na obra de estréia *Há uma gota de sangue em cada poema*, o nascimento de uma expressão pessoal pautada na observação atenta do português falado.



Nota de trabalho de Mário de Andrade, volante de propaganda do estabelecimento paulistano *Dancing Neptuno*. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Fundo Mário de Andrade, MA-MMA-51-87 (anverso).



Nota de trabalho de Mário de Andrade, volante de propaganda do estabelecimento paulistano *Dancing Neptuno*. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Fundo Mário de Andrade, MA-MMA-51-87 (verso).

Fac-símile